

Um precioso passo em frente 価値ある前進

Atsushi ICHINOSE
市之瀬 敦

Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. De Hildo Honório do Couto. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1996, 341pp.

ポルトガル語は、世界の各地にピジン・クレオール語を生み出した最初のヨーロッパ語である。しかしながら、ポルトガル語圏諸国においては、ピジン・クレオール語に関する研究は、英語圏諸国やフランス語圏諸国あるいはドイツに比べると、ややもすると遅れがちであった。以下に紹介するブラジリア大学教授イウド・オノリオ・ド・コート氏の著作『ピジン・クレオール語研究入門』は、その遅れを取り戻す上で、貴重な一歩となることは間違いない。ピジン・クレオール語の定義、研究史、形成に関する代表的な仮説および理論、そして具体的な事例紹介。これらピジン・クレオール語研究にとり重要となる様々なポイントを、ポルトガル語によって広く概観させてくれる本書の価値はきわめて大きいものである。

Como é do conhecimento geral, o português é a primeira língua europeia que fez surgir línguas crioulas e pidgins em várias partes do Globo como África, a América e a Ásia. Por estranho que pareça, no entanto, os estudos sobre essas línguas nos países lusófonos (dentro dos quais, os três são crioulofónos também), ao contrário do que se espera, estão atrasados em relação aos dos países anglófonos e francófonos. Aparece agora este livro bastante informativo, compreensivo e confiável de Hildo Honório do Couto (doravante HHC). Com a publicação deste livro introdutório, espera-se recuperar esse atraso científico. HHC já publicou o excelentíssimo trabalho sobre o crioulo da Guiné-Bissau em 1994, além de possuir os numerosos artigos relacionados aos estudos crioulisticos editados em vários lugares, e com sucesso organizou em Setembro do mesmo ano em Brasília o Colóquio

Internacional sobre os Crioulos de Base Portuguesa e Espanhola. Dir-se-ia daí que HHC seria o pesquisador mais apropriado no espaço de língua portuguesa para escrever um livro de introdução à crioulística e pidginística.

Salienta-se para já que este livro tem vários méritos. Primeiro, é de fácil leitura até para os leigos, o que é essencial como um livro de introdução a qualquer disciplina. Segundo, a visão larga e o conhecimento profundo de HHC possibilitam incluir no texto as teorias às vezes menosprezadas ou até ignoradas com injustiça nas outras obras especializadas sobre crioulos e pidgins. Terceiro, o autor não se esquece de referir a fenómenos semelhantes da pidginização e crioulização. Finalmente, quarto, o livro toma em consideração alguns campos da linguística moderna para os quais os estudos pidginísticos e crioulísticos ofereceram certos contributos. Assim sendo, chega-se à conclusão de que este livro de HHC fará grande sucesso como introdução ao campo da pidginística e crioulística. Pode-se afirmar que HHC, figura central nesse campo do Brasil, aliás, dos países lusófonos, cumpriu com a publicação desta obra uma das suas missões académicas.

Passemos agora a examinar cada capítulo do livro.

No Capítulo I, “Conceitos Iniciais”, a primeira coisa que nos chama a atenção é a declaração de HHC de que considerará tanto pidgin quanto crioulo como línguas, não como dialectos ou falares (p17). Para os especialistas dessas “línguas”, é evidente ou até soa banal esta afirmação. Contudo, reconhecemos a sua importância uma vez que ainda hoje persiste o mal-entendido de que os pidgins e crioulos são apenas dialectos ou falares (no pior dos casos, corruptelas!) das línguas lexicalizadoras.

Outro aspecto interessante da secção I. 1 está na página 20 onde HHC trata do fenómeno chamado recrioulização. Este processo é caracterizado pela ênfase dada no crioulo dos antepassados para a afirmação de identidade cultural dos descendentes que vivem numa terra diferente da região ou do país de origem. Será que a recrioulização está, de facto, a acontecer, como sugere HHC, entre os residentes cabo-verdianos, guineenses e são-tomenses de Lisboa a fim de afirmar a sua identidade cultural? É um assunto que vale a pena averiguar, sobretudo para os linguistas portugueses que estão na

situação vantajosa para investigar estes processos. Por outro lado, nalgumas comunidades cabo-verdianas nos Estados Unidos da América, observa-se a formação do “crenglish” que está a sofrer as influências linguísticas de vários níveis da língua circundante que é o inglês (Lima: p16).

HHC analisa na I.4 as manifestações linguísticas resultantes de contacto de línguas e dialectos entre si. Nesta parte, o novo conceito defendido por HHC “anticrioulo” deve chamar a especial atenção dos leitores. Aliás, HHC já tinha debatido sobre esta noção no seu artigo de 1992. Para HHC, que parte do pressuposto de que os crioulos são, com efeito, línguas mistas, eles são constituídos de léxico das línguas europeias – superstratas e de gramática das línguas africanas – substráticas. Assim, já está nitido que HHC não aceita o conceito de Derek Bickerton nem o de Robert Chaudenson, pois, para estes dois crioulistas de renome mundial, os crioulos não são línguas mistas. Entretanto, observam-se no Brasil, nos outros países da América Latina e no mundo afora as variedades linguísticas cuja gramática é de línguas dominantes e cujo léxico é basicamente de línguas dominadas. HHC chamam-nas “anticrioulos”. Como já se repara, os “anticrioulos” são os exemplos contrários dos crioulos “normais”. Daí surja o uso do prefixo “anti-”. Além disso, HHC vê nos “anticrioulos” a ideia de resistência cultural como mais uma justificativa da colocação deste elemento prefixal. Entenda-se, então, que o prefixo “anti-” neste caso tem dois sentidos; linguístico e cultural.

Justifica-se agora perguntar quais factores sociais geram a diferença entre os crioulos e anticrioulos. HHC não os esclarece neste livro, mas ele tinha apontado no seu referido artigo (1992: p79) as quatro diferenças entre os crioulos e os anticrioulos, dentre elas, as duas podem ser respostas para esta pergunta. Um factor social que diferencia é a relação entre as línguas substráticas e as superstráticas, i. e. nos anticrioulos, ao contrário dos crioulos, as línguas substráticas são exógenas e as superstráticas são endógenas. Quando uma população exógena entra em contacto com habitantes endógenos que exercem a pressão assimiladora e tenta manter a sua identidade cultural, neste contexto social, poder-se-á formar um

anticrioulo. O anticrioulo é, portanto, uma medida que a população exógena empregaria para sustentar, através da língua, a sua identidade cultural na situação de etnocídio. O outro factor social que marca diferença é que os crioulos, no maior dos casos, se formam na situação multilingue (uma língua superstrática e várias substráticas) e os anticrioulos na situação bilingue (uma língua superstrática e outra substrática). A este respeito, acrescentaríamos que no caso dos crioulos seria mais difícil escolher uma língua lexificadora dentre várias línguas substráticas, por isso, adoptar-se-ia o léxico da língua superstrática (isto, curiosamente, faz-nos lembrar da angustiante escolha da língua oficial dos países africanos do período pós-independência). Por outro lado, no caso dos anticrioulos não haverá nenhuma dificuldade na escolha da língua lexificadora, pois, só se tem uma língua para exhibir a identidade da comunidade.

Na nossa opinião, este conceito “anticrioulo” é muito interessante e até inovador no sentido de que o prefixo se usa para designar um fenómeno inverso dos crioulos do ponto de vista linguístico e cultural (para HHC, o que acontece nos crioulos “normais” é a rendição cultural). Recorde-se aqui que o que reflecte a cultura da comunidade linguística não é gramática, mas sim léxico. Entretanto, gostaríamos apenas de opinar que nem sempre os crioulos “normais” são a rendição cultural, pois, nalgumas circunstâncias peculiares os falantes dos crioulos também tentam executar a resistência cultural como no caso de situação recrioulizante que o próprio HHC se refere no Capítulo I. Poderemos talvez citar mais um exemplo do uso do crioulo para a arma da resistência cultural que é o caso dos imigrantes caboverdianos nos EUA, os quais se serviram do seu crioulo para se demarcar das duas comunidades circundantes, uma é portuguesa e outra afro-americana. Acrescente-se aqui que se os anticrioulos estão sempre associados à questão da glototanásia como diz HHC (1992: p80), os percursos distintos dos crioulos e dos anticrioulos, afinal de contas, serão condenados a confluir-se no mesmo destino que é o seu desaparecimento final.

No capítulo II, “Breve História da Crioulística”, HHC baseia-se em Holm

(1988: pp13-70) para traçar o desenvolvimento histórico dos estudos crioulisticos. Assim, quem sabe ler inglês pode consultar directamente o livro daquele crioulista americano em vez deste capítulo. É claro que isto não quer dizer que não valha a pena ler esta parte, aliás, pelo contrário, a leitura deste capítulo, com certeza, vai ajudar os leitores lusófonos a entender melhor o texto de Holm. Outra vantagem do livro de HHC é que está mais actualizado do que o de Holm, por isso, tem informações úteis que este não tem.

A questão da génese dos pidgins e crioulos continua a ser bastante polémica ainda hoje entre os investigadores dessas línguas. De modo que, é compreensível que HHC dedique um capítulo inteiro para este tema. O capítulo III, “Hipóteses sobre génese dos pidgins e crioulos”, é o segundo maior deste livro em termos de número de páginas, o que mostra a importância que HHC atribui a esta questão. Também é neste capítulo que se reflecte melhor o largo e profundo conhecimento de HHC sobre a crioulistica. Todavia, os leitores não podem esperar que HHC escolha, entre outras, uma única teoria da génese dos crioulos e pidgins como adequada e que prescindia das outras hipóteses referidas neste capítulo. Aliás, HHC, depois de analisar as teorias cuidadosamente, reconhece méritos e deméritos de cada uma, chegando à conclusão de que pidginização e crioulição são processos pluricausais. Esta ilação é-nos bem convincente, mesmo tomando em consideração o perigo de ecletismo, uma vez que participam da formação dos pidgins e crioulos o homem como existência biológica e o ser humano como ente socio-histórico. HHC apenas rejeita, in limine, a teoria monogenética e de língua de reconhecimento por falta de provas. Embora não aceite o conceito de Bickerton, HHC reconhece até o mérito da teoria universalista no sentido de que ela conseguiu consolidar os estudos crioulisticos fazendo confluír os esforços dos especialistas das mais variadas orientações e disciplinas para a discussão de um mesmo tema.

Ainda na secção III. 7, HHC revela que a nova “teoria criativista”, defendida por Philip Baker, é bastante promissora. Segundo esta teoria que enfatiza a interacção entre aloglotas como factor fundamental na formação de

pidgins e crioulos, estas línguas não são resultados de uma aprendizagem imperfeita da língua do povo dominante, mas sim a criação de um meio de comunicação, através de uma evolução lenta e gradual, com os escassos materiais disponíveis. HHC afirma que o que é inovador e criativo desta teoria é que dispensa o conceito de língua alvo e a distinção entre um estágio pidgin e um estágio crioulo. No entanto, parece-nos que aquilo que faz HHC julgar desta teoria promissora é que se concilia bem com a pluricausalidade no processo de pidginização e crioulição, a qual defende HHC. Se se considerar que, por um lado, a interacção entre aloglotas é importante como factor fundamental na formação de pidgins e crioulos e por outro lado, esse processo é lento e gradual, poder-se-á reconhecer aí os influxos dos elementos superstráticos, substráticos e até universais. Devemos nós considerar, então, que os seres humanos formam a ordem espontânea que é o crioulo aproveitando a sua criatividade, através de contactos linguísticos durante várias gerações? Esta teoria criativista de Baker é tão abrangente que poderá eventualmente acabar com as divergências teóricas sobre a génese dos pidgins e crioulos.

No capítulo IV, “A Crioulística e a Linguística Moderna”, HHC indica as contribuições que os estudos pidginísticos e crioulisticos já trouxeram aos estudos linguísticos em geral, mais precisamente, à sociolinguística, à aquisição de língua (pode-se incluir neste domínio universais linguísticos) e à linguística histórica. HHC afirma que para a sociolinguística, a crioulistica ofereceu dois contributos científicos. O primeiro é o de ter salientado a importância de saber a história sociolinguística das línguas do mundo. O segundo reside em enfatizar a heterogeneidade dos sistemas linguísticos. Gostaríamos apenas de acrescentar mais uma contribuição da crioulistica para a sociolinguística que os estudos do planeamento linguístico também deveriam ter beneficiado das discussões travadas em torno das comunidades linguísticas tão complexas como crioulas. Em relação aos universais linguísticos, embora não aceite o conceito bickertoniano, HHC faz bem ao não se esquecer de mencionar os três méritos da LBH (Language Bioprogram Hypothesis): a proposta do “modelo hipotético” para processar o

sistema tempo-modo-aspecto (TMA) das línguas, a refutação do estaticismo chomskyano e do dadismo, e recusa da concepção chomskyana da variabilidade dos princípios.

Sobre a linguística histórica, HHC parece dispensar a preocupação dos crioulistas com a árvore genealógica, em vez disso, ele reafirma o seu apoio explícito à teoria criativista proposta por Baker. Baseando-nos nesta teoria que rejeita o conceito de língua alvo, gostaríamos de adiantar um pouco mais a eventual revolução que esta teoria pudesse causar, sugerindo que seria necessário reconsiderar os termos usados pelos investigadores e HHC também, que são “língua dominante” e “língua dominada”. Se é importante a interação entre os aloglotas na formação dos crioulos, será que realmente existem “língua dominante” e “língua dominada”? Não seria melhor considerar que cada grupo (língua) desempenha o seu papel sem dominar outros(as) nem ser dominado(a) pelos(as) outros(as)? Estranhamos até que essa distinção teria vindo do conceito colonialista. O que poderia haver no processo de pidginização e criouliização seriam a língua dos “dominadores” e a língua dos “dominados”, cuja divisão se faz segundo os critérios militar, comercial, ou civilizacional, mas nunca linguístico. De qualquer maneira, a teoria criativista é promissora também como alvo da discussão futura.

O capítulo V, “Inventário de crioulos, pidgins e assemelhados”, deve ser muito útil para quem queira ter uma visão geral das situações linguísticas dos crioulos, pidgins e assemelhados de todo o mundo. Depois de ler este capítulo, os interessados poderão escolher como “língua alvo” uma variante que acharem interessante e começar a pesquisa sobre ela aproveitando a Bibliografia bem detalhada no fim do livro. Não temos nenhuma queixa de que HHC tenha optado por apresentar os crioulos, pidgins e assemelhados segundo a ordem alfabética, contudo, apenas gostaríamos de sugerir que teria sido mais cómodo, para facilitar a consulta e visualizar as zonas crioulas no mundo, pôr número em cada item e indicar com esses números os lugares e regiões de expressão crioula no atlas mundial.

O capítulo VI, “Textos”, inclui pequenos trechos dos textos dos crioulos de base portuguesa (nove crioulos), espanhola (quatro crioulos), inglesa

(cinco crioulos), francesa (cinco crioulos) e de outras línguas (três crioulos). Repara-se que HHC sabe bem que só as explicações teóricas não constituem um bom livro de introdução e para iniciados é preciso tocar nos exemplos concretos. Aqui também está um segredo do sucesso deste livro.

Finalizaremos por congratular-nos pela publicação deste livro de HHC, que, com certeza, vai ser indispensável para os interessados de todo o mundo lusófono pelos estudos pidginísticos e crioulisticos. Promete-se, com esta obra, mais e maior desenvolvimento desta disciplina nos países de expressão portuguesa.

Bibliografia

- Chaudenson, Robert. (1995) *Les Créoles*. Presses Universitaires de France
- Couto, Hildo Honório do. (1992) "Anti-crioulo." PAPIA. Vol. 2, No.1, pp71-84
- (1994) *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Helmut Buske Verlag
- Holm, John. (1988) *Pidgins and Creoles. Vol.1*. Cambridge University Press
- Lima, Ambrizeth. (1996) "Creonglish: the new language spoken by Capeverdean Creole speakers in selected areas of New England." Cimboa. No.1, pp22-25